

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

**A ASCENSÃO DA NOÇÃO DE “VELHOFOBIA” NA PANDEMIA DE COVID-19:
RESSONÂNCIA NEOLIBERAL NO DISCURSO DE BOLSONARO**

**THE RISE OF THE NOTION OF “AGEISM” IN THE COVID-19 PANDEMIC:
NEOLIBERAL RESONANCE IN BOLSONARO'S DISCOURSE**

Stella Ferreira Menezes¹

Resumo: O quadro de isolamento social voltado mais severamente para os velhos durante a pandemia de COVID-19 reforçou a ideia de fragilidade pré-concebida por algumas pessoas em relação a esse público. Ocorre que, no Brasil, o discurso sobre a inutilidade do velho e dizeres zombando do lugar dessas pessoas na sociedade diante da pandemia foram reforçados pelo próprio ex-presidente da República em exercício na época, Jair Messias Bolsonaro. As diversas falas do ex-presidente escancaram não só o seu desprezo pela população velha, como também traços de um discurso neoliberal perverso. A proposta deste trabalho é analisar como a noção de “velhofobia” é reforçada e discursivizada nas falas de Bolsonaro, nos anos de 2020/2021, durante a pandemia de COVID-19 no Brasil e, a partir disso, problematizar possíveis reflexos do pensamento neoliberal no discurso do ex-presidente. Para isso, foram selecionadas sequências enunciativas recortadas de falas do ex-presidente, que tratam, especificamente, sobre a relação da pandemia e as pessoas velhas. Para essa investigação foram mobilizados mo(vi)mentos de análise sob o viés dos estudos discursivos, mais especificamente nos pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Michel Foucault para a Análise de Discurso de Linha Francesa, bem como a problematização das condições de ascensão do discurso “velhofóbico” a partir do ideal neoliberal (Dardot & Laval, 2016). A partir das análises, percebeu-se que diante de uma população que envelhece cada vez mais e com mais qualidade de vida, torna-se de suma importância debater sobre o lugar do velho na sociedade e como a sua imagem tem sido construída.

Palavras-chave: Velhofobia. COVID-19. Discurso. Neoliberal.

Abstract: The social isolation observed more severely for the elderly during the COVID-19 pandemic reinforces the idea of pre-conceived fragility by some people in relation to this population. It turns out that, in Brazil, the discourse about the uselessness of the old man and sayings mocking the place of those people in society in the face of the pandemic were reinforced by the former President of the Republic in office at the time, Jair Messias Bolsonaro. The former president's various speeches reveal not only his contempt for the elderly population, but also traces of a perverse neoliberal discourse. The purpose of this work is to analyze how the notion of “velhophobia” is reinforced and discursive in Bolsonaro's speeches, in the years 2020/2021, during the COVID-19 pandemic in Brazil and, from

¹Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU). Possui Mestrado pelo mesmo programa e graduação em Letras - Inglês pela mesma instituição. Email: stella.menezes76@gmail.com

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

this, problematize possible reflections of neoliberal thinking. no speech from the former president. For this, enunciative sequences were selected from the former president's speeches, which specifically deal with the relationship between the pandemic and old people. For this investigation, moments of analysis were mobilized from the perspectives of discursive studies, more specifically in the theoretical-methodological assumptions developed by Michel Foucault for French Line Discourse Analysis, as well as the problematization of the conditions for the rise of “old-phobic” discourse from of the neoliberal ideal (Dardot & Laval, 2016). From the analyses, we see that in the face of a population that is increasingly aging and with a better quality of life, it becomes extremely important to debate the place of the elderly in society and how their image was constructed.

Keywords: Velhophobia. COVID 19. Speech. Neoliberal.

Introdução

Falar sobre a velhice na contemporaneidade ainda parece ser um incômodo para muitas pessoas, pois de acordo com Sibilía (2011) ser velho/a na sociedade ocidental nos parece, na maior parte das vezes, “[...] um direito negado ou algo que deveria permanecer oculto, longe de ambicionar a tão cotada visibilidade” (p.83). Isso ocorre devido as várias noções que a imagem de velhice carrega no imaginário coletivo, entre elas estão as de que a pessoa velha se torna alguém incapacitado, inútil e um peso para a sociedade. Em um contexto capitalista, essas noções se acentuam ainda mais, visto que para essa ideologia econômica, o cidadão velho além de não produzir mais, reivindica seu direito à aposentadoria. Simone de Beauvoir, em 1970, já reforçava esse fato em seu ensaio publicado na forma de livro, intitulado “A velhice”. A autora diz que,

No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-los. Quanto aos sentimentos humanitários, a despeito das tagarelices hipócritas, eles não intervêm. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois é jogado fora (BEAUVOIR, [1970/ 2018], p. 11).

Esse cenário de apagamento dos velhos na sociedade intensificou-se ainda mais com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil em 2020. O quadro de isolamento social voltado mais severamente para os idosos pode ser capaz de reforçar a ideia de fragilidade pré-

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

concebida por algumas pessoas em relação a esse público. Isso pode dar espaço para que os idosos reforcem mais ainda em seu imaginário a ideia de que, por serem pessoas velhas, são repletas de limitações físicas e cognitivas, muitas vezes considerando-se um incômodo para a sociedade, entre outros significantes que marcam um preconceito em relação a elas. A antropóloga e pesquisadora em assuntos relacionados à velhice, Miriam Goldenberg, em entrevista ao jornal BCB News Brasil, afirma que.

Os velhos sempre foram vistos como um peso para a sociedade, ou seja, já experimentam o que chamo de 'morte simbólica'. O valor que se dá a essas pessoas mais velhas é quase nulo, socialmente e dentro de casa. Ocorre que, agora, [na pandemia] isso ficou mais evidente. Temos visto isso não só nos discursos de que os velhos devem morrer para a epidemia acabar logo, mas também em memes zombando deles, dizendo que eles são teimosos e desobedientes, como se fossem crianças malcomportadas (GOLDENBERG, 2020, s/p, *online*).

Ocorre que, no Brasil, esse discurso sobre a inutilidade do velho e dizeres zombando do lugar dessas pessoas na sociedade diante da pandemia de COVID-19 foram reforçados pelo próprio ex-presidente da República na época, Jair Messias Bolsonaro. As diversas falas do ex-presidente nos anos de 2020 e 2021 escancaram não só o seu desprezo pela população idosa, como também traços de um discurso neoliberal perverso. Diante disso, percebemos a ascensão de uma expressão, até então pouco usada, que representa esse discurso perverso em relação ao velho: a “velhofobia”. Segundo Miriam Goldenberg, o discurso chamado por ela de “velhofóbico” sempre existiu, entretanto, parece ter se evidenciado com a pandemia de Covid-19. Para Miriam (2020),

Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos, empresários e até o presidente da República já vieram a público dar declarações 'velhofóbicas' (GOLDENBERG, 2020, s/p/ *online*).

Portanto, a proposta deste artigo é analisar como a noção de “velhofobia” é reforçada e discursivizada nas falas de Jair Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 no Brasil e, a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

partir disso, problematizar possíveis reflexos do pensamento neoliberal no discurso do ex-presidente, no que tange o lugar do velho na sociedade brasileira contemporânea.

Para isso, selecionamos sequências enunciativas recortadas de falas do ex-presidente da República, propagados nos mais diversos meios midiáticos, que tratam, especificamente, sobre a relação da pandemia e as pessoas velhas. e analisamos à luz dos estudos discursivos foucaultianos. Para mobilizar esta análise nos amparamos nos pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos por Michel Foucault para a Análise de Discurso de Linha Francesa. Assim, serão mobilizadas as noções de história e memória (Burke, 1992; Foucault 2007) do enunciado “velhofobia” (Beauvoir 1970/2018) (Goldenberg, 2020); o conceito de acontecimento discursivo (Foucault, 2013) e sua relação com as falas do Bolsonaro; além disso, será problematizado as condições de ascensão do discurso “velhofóbico”, a partir do ideal neoliberal (Dardot & Laval, 2016).

A “velho-fobia”: história e memória

Para entendermos as noções de história e memória presentes nos enunciados que problematizaram e propiciaram a ascensão da palavra “velhofobia” é preciso, primeiramente, compreendermos como essas noções serão consideradas neste artigo.

A noção de história que nos baseamos se relaciona com a que Burke (1992) postula em seus estudos: a Nova História. Para isso, Burke (1992) se distancia do modo como a História Tradicional aborda os acontecimentos, e afirma que “de acordo com o paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política” (p. 10). Além disso, esse paradigma vê a história como sendo objetiva, ou seja, “[...] o papel do historiador é apresentar aos leitores os fatos, [...] como eles realmente aconteceram” (p. 15), enquanto a chamada Nova história se interessa pela atividade humana e tem como base filosófica a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída. (BURKE, 1992).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Foucault (2007), em *“Arqueologia do saber”* também reforça a importância de olharmos para as condições históricas dos acontecimentos discursivos a partir da concepção proposta pela Nova história. O autor elabora a ideia de rupturas em relação à passagem da história tradicional para uma nova noção de historicidade, em que as narrativas dos documentos passam a dar espaço para a formação da história através de elementos, produtos dos acontecimentos e, conseqüentemente, uma análise voltada para recortes de séries. Além disso, a noção de descontinuidade toma um lugar maior e fundamental nas análises históricas. De acordo com o autor:

[..] a noção de descontinuidade toma um lugar importante nas disciplinas históricas. Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos - decisões, acidentes, iniciativas, descobertas - e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica [...] (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Portanto, Foucault (2007) aposta no fato de que a história tradicional era pensada a partir de um monumento que se dispunha de um documento histórico, mas com o novo olhar da história, transforma-se o documento em monumento. Desse modo, a nova história propõe um olhar seriado para os acontecimentos, propondo a arqueologia como um método capaz de olhar para a descrição intrínseca do monumento.

Diante disso, Foucault (2007) propõe o método arqueológico como uma possibilidade de ruptura com a noção de temporalidade, até então considerada pelos historiadores, e propõe a arqueologia como um método capaz de relacionar vários aspectos e fenômenos que não necessariamente ocorreram de forma cronológica, mas que permite enxergar as descontinuidades dos discursos para tratar de questões referentes ao ser humano, a consciência e o sujeito.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

No entanto, ao tomarmos a palavra “velhofobia” é preciso compreender o momento histórico de sua ascensão e os efeitos de sentido que essa palavra é capaz de mobilizar. Primeiramente, devemos considerar que a palavra é composta por duas partes lexicais, a primeira se refere à palavra “velho”. É fato que os sentidos mobilizados a partir dessa palavra em uma sociedade ocidental contemporânea têm sido atrelados a ideias negativas em relação à vida, com por exemplo, uma fase de decadência. Isso ocorre devido à memória discursiva que foi construída em torno dessa fase da vida. Consideramos memória discursiva como uma noção que “[...] diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos [...]” (COURTINE, 2009, p. 105-106).

Pêcheux (1999), em seus estudos inaugurais na AD de linha francesa, também se dedicou a elaborar teorizações sobre o papel da memória. Nas palavras de Navarro & Bazza (2012).

[Para] Pêcheux, a regularização da memória se marca a partir de um jogo de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase. Entretanto a transformação de um acontecimento em memória não é tão óbvia, pois há um jogo de forças entre o acontecimento, que é novo, e a sua estabilização sob a forma de memória (NAVARRO & BAZZA, 2012, p. 148).

Para entendermos o papel da memória discursiva diante da palavra velho é preciso dar um salto na história e considerar que Beauvoir, em 1970, já denunciava os enunciados com sentidos negativos que circulavam na sociedade sobre o envelhecimento, para a autora “[...] a velhice aparece como uma desgraça: mesmo nas pessoas que consideramos conservadas, a decadência física que ela traz salta aos olhos.” (BEAUVOIR, [1970/2018], p. 10). Esse fato explica a junção da palavra “velho” ao sufixo “fobia”, pois, diante de uma sociedade que continua abominando o envelhecimento e que, não por acaso, atualmente, ocupa o primeiro

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

lugar no ranking mundial de cirurgias plásticas² para evitar traços de envelhecimento, estar velho pode representar um medo incontrolável, ou seja, uma “velhofobia”.

Além disso, decorrente do fato de estarmos enfrentando uma pandemia de Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a categoria chamada de “idosos”, ou seja, as pessoas acima de 60 anos, compõe o grupo de risco de grandes complicações e morte ao contrair a doença.

Logo, o papel da memória discursiva em torno da imagem que representa a velhice é de suma importância para compreendermos o estatuto que o velho adquiriu ao longo dos anos e, em certa medida, permanece até os dias atuais. Podemos dizer que permanece como uma forma de (re)atualização da memória discursiva construída em torno do envelhecimento, pois, de acordo com Navarro & Bazza (2012),

[...] o acontecimento de sua volta em um enunciado não é uma retomada direta ou a rememoração de seu sentido, mas uma construção de um novo sentido com alguma característica em comum, por isso, a ativação de uma memória funciona como um espaço de desdobramentos e polêmicas. Na análise dos enunciados, a investigação das memórias ali presentes e suas relações de sentido podem contribuir na observação do funcionamento das práticas discursivas materializadas na série enunciativa observada (NAVARRO & BAZZA, 2012, p.148).

A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, iremos analisar as sequências enunciativas, que foram capazes de rememorar os sentidos da palavra velho, e seu funcionamento nas práticas discursivas materializadas no discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Que velho/as é esse/as? - Das falas de Bolsonaro ao acontecimento discursivo

Ao olharmos para o texto de Simone de Beauvoir, escrito em 1970, parece-nos que Simone diz de uma velhice atual. Contudo, não podemos deixar de considerar as

² Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>> - acesso 06 de julho de 2021.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

transformações em torno da ideia de velho que hoje circula na sociedade ocidental. Arriscamos dizer que, talvez, em 1970, Beauvoir não tenha mobilizado tantas reflexões na sociedade em torno do tema proposto em seu ensaio. Provavelmente, esse silenciamento tenha se perdurado por muitos anos, até que a pirâmide etária começou a se inverter e as discussões sobre envelhecimento parecem ter emergido. Sobre a inversão da pirâmide etária, Carvalho & Rodríguez-Wong (2008) em suas investigações sobre esse tema, afirmam que,

[...] a população idosa (65 e mais anos de idade) aumentará a taxas altas (entre 2% e 4% ao ano), a população jovem tenderá a decrescer. Segundo projeções das Nações Unidas, de 3,1% da população total, em 1970, a população idosa brasileira deverá passar a aproximadamente 19%, em 2050 (CARVALHO & RODRÍGUEZ-WONG, 2008, p. 597).

Para sermos mais exatos, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 o número da população idosa no Brasil alcançou 32,9 milhões e, comparado com crianças de até 9 anos, o número de pessoas acima de 60 anos é superior.

Juntamente com esses dados, em 2020, emerge a pandemia de Covid-19. Diante desse acontecimento, as pessoas acima de 60 anos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estariam mais propensas a ter complicações e a morrer, caso fossem infectados, bem como os portadores de doenças crônicas como diabetes, hipertensão, entre outras.

Diante disso, as inquietações em relação aos velhos na sociedade brasileira começaram a surgir juntamente com as falas preconceituosas, excludentes e perversas do ex-presidente Jair Bolsonaro. É em torno desse acontecimento discursivo que iremos nos debruçar, para tentar demonstrar como esses enunciados emergiram os sentidos da palavra “velhofobia”.

Para esta análise, nos amparamos nos conceitos de discurso como um acontecimento discursivo e na noção de enunciado propostos pela teoria discursiva foucaultiana, pois ela nos possibilita a (re)pensar os efeitos de sentido e (re)atualizações da memória em torno das falas de Bolsonaro ao se referir aos velhos.

Ao propormos uma análise de discurso amparada no conceito de discurso de Foucault, devemos considerar que na Arqueologia do saber, o autor situava o discurso como estando

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

entre a estrutura e o acontecimento, ou seja, ao mesmo tempo que olhamos para as regras da língua que constitui a materialidade linguística em análise, há algo que está para além do puramente linguístico, da ordem do acontecimento. Para Dosse (2013),

O conceito central da *Arqueologia do saber*, o discurso, se situa entre a estrutura e o acontecimento; ele contém as regras da língua que constitui o objeto privilegiado do linguista, mas não se confina aí, pois ele abrange igualmente o que é dito. O discurso, no sentido de Foucault, significa ao mesmo tempo a dimensão estrutural e acontecimental [...] (DOSSE, 2013, p. 160-161).

Portanto, consideramos o acontecimento como algo que excede a discursividade, “[...] o acontecimento não é mais constituído por aquilo que é visível e explicável, porque se trata de desenterrar camadas mais profundas de acontecimentos.” (DOSSE, 2013, p. 159). Nesse sentido, ao olharmos para os enunciados retirados da fala de Bolsonaro devemos considerar não apenas a materialidade linguística que proporcionou com ele fosse dito, mas também a condição história, política e social em que ele está inserido.

Desse modo, para descrever o acontecimento discursivo em questão, foi preciso isolar a unidade menor do discurso: o enunciado. Para construir uma análise, Foucault (2013) propõe uma mudança de postura em relação ao enunciado, não mais a partir das regularidades em relação a outros enunciados, mas sim em sua singularidade.

A questão que a análise da língua coloca, a respeito de um fato qualquer de discurso, é sempre: segundo que regras tal enunciado foi construído, e conseqüentemente, conforme que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição do discurso coloca uma questão diferente: como ocorre que tal enunciado tenha surgido e nenhum outro em seu lugar?”(FOUCAULT, 2013, p. 95-96).

Antes de partirmos para a análise dos enunciados selecionados, é preciso entender que um enunciado é sempre um acontecimento discursivo, ligado às situações que o permitiu ser produzido e as conseqüências por ele desencadeadas.



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

um **enunciado** é sempre um **acontecimento** que nem a língua nem o sentido podem de fato esgotar. Acontecimento estranho, certamente: de início, já que é ligado, por um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas que, por outro, abre para si mesmo uma existência permanente no campo de uma memória, na materialidade dos manuscritos, dos livros ou não importa de que forma de registro; a seguir, já que é único como qualquer acontecimento, ele é oferecido **à repetição, à transformação, à reativação**; finalmente, porque é ligado simultaneamente a **situações** que o provocam e a **consequências que ele incita**, mas é ligado ao mesmo tempo, e de acordo com uma modalidade completamente diferente, a enunciados que o precedem e que o sucedem" (FOUCAULT, 2013, p. 97, grifo nosso).

Assumimos, primeiramente, que os enunciados que serão propostos possuem uma infinidade de olhares e problematizações, entretanto, para este estudo serão direcionadas questões relacionadas a ascensão do discurso “velhofóbico” na fala do ex-presidente Bolsonaro e como o ideal neoliberal ressoa nessas discursividades, deixando transparecer a imagem preconceituosa, excludente e perversa para os idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Chamaremos os trechos de sequências enunciativas (SE):

(SE1) - 20/03/2020: "**Vão morrer alguns idosos e pessoas mais vulneráveis pelo vírus? Sim, vão morrer.** Se tiver um com deficiência, pegou no contrapé, eu lamento" (Fonte: Uol, 2020³).

(SE2) - 21/05/2020: “A gente apela ao senador Humberto Costa que já foi ministro da saúde, como não temos outro remédio, **deixe o pobre, o idoso, aquele que tem algum tipo de doença, fazer o uso da hidroxiquina de graça nos hospitais.** Eu peço quase que pelo amor de Deus, é vida”. (Fonte: Correio Braziliense, 2020⁴).

Nas (SE1) e (SE2) percebemos como a fala do ex-presidente Bolsonaro reforça a imagem do velho como um sujeito pertencente a mesma categoria que as pessoas que possuem alguma comorbidade, como se ser velho fosse sinônimo de ser doente. Esse fato

³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/27/bolsonaro-quer-convencer-que-vidade-idoso-e-pedagio-a-pagar-ao-coronavirus.htm?cmpid>>. Acesso em 10 novembro 2021).

⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/21/interna_politica,857264/bolsonaro-deixe-o-pobre-e-o-idoso-fazer-uso-da-cloroquina-de-graca.shtml>. Acesso em 26 outubro 2021).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

reforça o imaginário construído desde os primórdios da medicina em que a velhice era considerada um fato inerente a doenças no corpo. Segundo a psicanalista Soares (2020) em seus estudos sobre envelhecimento,

Os médicos [do século XVIII e início do século XIX] acreditavam que a debilidade da saúde não era um mal amenizável, mas uma característica essencial de processo de envelhecimento. O adoecimento seria um esperado e inevitável aspecto dessa época da vida e poucos eram os que se dedicavam a novos tratamentos para os velhos. (...) O corpo envelhecido seria, portanto, um corpo morrendo (SOARES, 2020, p. 25-26).

Portanto, essas sequências enunciativas são compõem um domínio de memória em (re)atualização, memória está construída há séculos com a ideia de que a velhice seria sinônimo de morte. Tal imagem de velhice aponta para a ascensão da ideia de “velhofobia”, pois se aproximar dessa etapa da vida, para a medicina dos séculos passados e para Bolsonaro, é o mesmo que se aproximar de doenças e da morte. Esse efeito de sentido pode emergir atitudes extremas para se distanciar do envelhecimento, fazendo com o nosso país ocupe o ranking mundial de cirurgias plásticas.

Na SE2, Bolsonaro se refere aos velhos como “cobaias” de tratamentos contra a Covid-19 sem comprovação científica de eficácia, e os colocam como indivíduos a margem da sociedade, reforçando a ideia excludente de que o velho seria um “pobre” inútil para o país, por isso poderia ser submetido a tais tratamentos polêmicos e questionados, já que sua vida não parece ter importância para esse representante do governo.

A partir dessa problematização, Miriam Goldenberg levanta a discussão sobre a grande emergência da “velhofobia” durante a pandemia e em entrevista à BBC News afirma que:

O preconceito sempre existiu, mas numa situação em que os velhos não estavam tão vulneráveis. Agora, estão fragilizados de duas formas: de um lado, são a população de maior risco. De outro, perderam seu bem mais precioso: a liberdade de ir e vir. Antes, podiam ir ao supermercado, à farmácia, dar a volta na praça, frequentar o teatro, o cinema, encontrar com os amigos. Mas já não podem mais. Estão em uma prisão que não tem data nem hora para terminar. Há cinco anos, venho acompanhando o dia a dia de homens e mulheres de 90 a 103 anos. Todos lúcidos, ativos e saudáveis. Eles estão desesperados. Têm dificuldade para compreender uma realidade que não fazia parte da vida deles antes do isolamento. Além de tudo isso, **precisam enfrentar todo esse discurso de ódio**. Imagine ligar a TV e escutar pessoas

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que pregam a sua morte 24 horas por dia (GOLDENBERG, 2020, s/p, grifo nosso).

O discurso de ódio do qual Goldenberg se refere pode reforçar o preconceito para com o público velho e tornar sua condição cada vez mais a margem da sociedade, aumentando o temor/o medo/a fobia de envelhecer. Este fato pode fazer com que as pessoas ataquem os velhos, tanto de forma física quanto psicológica, pois, não coincidentemente, o indivíduo que enunciou está com 66 anos e faz parte da classe de idosos.

A fala de Goldenberg em sua entrevista demonstra um discurso de resistência diante dos enunciados de Bolsonaro. Esse tipo de discurso emerge quando temos uma relação de poder estabelecida, instaurando um jogo de forças diante de uma relação conflituosa. De acordo com Navarro & Bazza (2012) “Em uma análise discursiva, o poder é um dos elementos centrais, pois se torna capaz de explicar a produção dos saberes, por isso a investigação do saber deve remeter às condições de poder que lhe constituem.” (p.149). Como presidente da República, Jair Bolsonaro exerce um poder e se vê no direito de proferir o chamado “discurso de ódio” para com os velhos. No entanto, “A capacidade que o poder tem de apreender a todos no jogo de relações estabelecidas não impede manifestações de resistência, que acaba por estabelecer um jogo de forças que se materializa nos enunciados e lhes individualiza.” (NAVARRO & BAZZA, 2012, p. 149). Tanto Miriam Goldenberg, como tantas outras pessoas que se sentiram afetadas pelo discurso perverso de Bolsonaro se configuram como resistência.

A aversão ao discurso preconceituoso e excludente de Bolsonaro não advém somente da resistência a essa imposição da imagem do velho em decadência, mas parte também dos princípios das políticas públicas garantidas pelo Estado em defesa do idoso.

Nesse viés, percebemos que o ex-presidente Bolsonaro parece não se importar com o que está garantido na Constituição de 1988 e nos direitos das pessoas velhas registrados pelo Estatuto do idoso. Passamos para as próximas sequência enunciativas:



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

(SE3) - 08/04/2020: “Quem tem abaixo de 40 anos, tem que se preocupar pra não transmitir o vírus pros outros. Mas pra ele, pra sua vida, é quase zero esse risco. **Devemos, sim, cada família cuidar dos mais idosos.** Não pode deixar na conta do estado. **Cada família tem que botar o vovô e a vovó lá no canto e é isso. Evitar o contato com eles a menos de dois metros. E o resto tem que trabalhar, porque tá havendo uma destruição de empregos no Brasil**”. “A chuva está aí, vamos se [sic] molhar. Alguns podem morrer afogados na chuva. Quem são? Os mais idosos e aqueles que têm doenças preexistentes”. (Fonte: Estado de Minas, 2020⁵).

(SE2) - 25/03/2020: “Pô, cara [jornalista], você quer que eu faça o que? **Que eu tenha o poder de pegar o idoso? É a família dele que tem que cuidar dele em 1º lugar. O povo tem que parar de deixar nas costas do poder público.** Aqui não é uma ditadura, aqui é uma democracia”. (Fonte: Poder 360, 2020⁶).

Na SE 3 e 4 Bolsonaro reforça a ideia de que é dever da família cuidar dos idosos, isentando a responsabilidade do Estado para com essas pessoas. Ao afirmar que “aqui não é ditadura, aqui é uma democracia”, Bolsonaro ignora o que está previsto pelo documento que rege nossa democracia atual, a Constituição Federal de 1988, na qual diz que, de acordo com o Art. 230. “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.”

Além desse documento, também contamos com o Estatuto do Idoso, criado pela lei 10.741, em 1º de outubro de 2003, que defende os direitos das pessoas acima de 60 anos no Brasil. De acordo com esse documento:

Art. 3º- É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao

⁵ Entrevista ao programa Brasil Urgente, do apresentador José Luiz Datena. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/08/interna_nacional,1137022/familias-que-cuidem-de-seusidososdiz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 11 novembro 2021).

⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-define-que-brasil-tera-quarentena-so-para-idosos-comcomorbidade/>>. Acesso em 25 outubro 2021).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Tais documentos reforçam o importante papel que o Estado deveria assumir em proteção ao idosos e que Bolsonaro subverte de acordo com seus ideais. Este ideal que rege o discurso de Bolsonaro parece ressoar o discurso neoliberal, pois está calcado na lógica de que o estado tenta eximir suas responsabilidades para com o povo. A família tem o dever de proteger seus idosos, mas juntamente com ela vem a sociedade, a comunidade, o Poder Público/Estado. Beauvoir (1970/2018) já afirmava a em seu ensaio que,

Para aumentar o lucro, o capitalismo procura a todo custo aumentar a produtividade. À medida que os produtos se tornam mais abundantes, o sistema exige uma alta de rendimento. Os velhos trabalhadores não são capazes de se adaptar aos ritmos impostos aos operários. Ficam reduzidos ao desemprego, e a sociedade os trata como párias (BEAUVOIR, [1970/2018], p. 257).

Portanto, em um contexto que uma pandemia tem assolado a economia do país e que coloca os idosos como frágeis diante dessa doença, resta ao pensamento neoliberal excluir essas pessoas da comunidade. Exclusão esta que pode ser vista no discurso de Bolsonaro como “(...) botar o vovô e a vovó lá no canto e é isso” e “**Alguns podem morrer afogados na chuva. Quem são? Os mais idosos (...)**”. A lógica neoliberal, nesse sentido, é problematizada por Dardot & Laval em relação ao acesso à cidadania pela população. Os autores afirmam que esses direitos dentro do neoliberalismo são vistos como formas de mobilização dos indivíduos com a comunidade e as estruturas privadas, e não mais com o Estado.

A cidadania não é mais definida como participação ativa na definição de um bem comum próprio de uma comunidade política, mas como uma mobilização permanente de indivíduos que devem engajar-se em parcerias e contratos de todos os tipos com empresas e associações para a produção de bens locais que satisfaçam os consumidores. A ação pública deve visar, acima de tudo, à instauração de condições favoráveis à ação dos indivíduos (...) (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 239).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O discurso do ex-presidente Bolsonaro vai ao encontro dessa lógica neoliberal no que tange à imagem que ele constrói do idoso na sociedade contemporânea, essa imagem reforça a noção “velhofóbica” problematizada neste estudo e contribui para reforçar preconceitos para com as pessoas velhas, fazendo até mesmo com que esse público não se sinta no direito de frequentar determinados ambientes e, conseqüentemente, passam a desenvolver seu próprio isolamento.

Teixeira (2008) em seu livro *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital*, aponta que o neoliberalismo defende a responsabilização do setor privado e da comunidade para com os cidadãos. A pesquisadora diz:

As estratégias neoliberais se voltam contra os direitos sociais, considerados amarras, perante a concorrência de um mundo cada vez mais globalizado e de Estados em crise financeira, e apontam a seletividade e a focalização para as ações estatais, em parceria com as ditas organizações não governamentais na atenção as necessidades dos mais pobres, e com setor privado (mercantil) para os que podem pagar pelos serviços, como único caminho possível e viável. Além de defenderem a retomada da solidariedade, da auto-ajuda e da ajuda mútua, para o interior da sociedade, legitimando um “novo” trato às refrações da questão social, àquele que divide responsabilidades e desresponsabiliza o estágio pela garantia de direitos (TEIXEIRA, 2008, p. 214).

Contudo, ao refletirmos sobre o cenário apresentado neste artigo nos colocamos diante das dúvidas sobre como o velho é protegido, quem se coloca à disposição de escutá-los, ampará-los, motivá-los e confortá-los para que tenham uma velhice tranquila, sem preconceitos e exclusão social. Tais questionamentos não podem ser respondidos nesse momento, mas mobilizam mo(vi)mentos de (re)pensar o nosso papel como cidadão que tem responsabilidades políticas e sociais para com os idosos.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo problematizar a noção de “velhofobia” que foi reforçada e discursivizada nas falas de Jair Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 no

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Brasil, influenciada pela lógica neoliberal no discurso do ex-presidente, no que tange o lugar do velho na sociedade brasileira contemporânea.

Diante das análises apresentadas e discutidas, percebemos que os estudos acerca do envelhecer no Brasil têm ganhado espaço, pois diante de uma população que envelhece cada vez mais e com mais qualidade de vida, torna-se de suma importância debater sobre o lugar do velho na sociedade e como a sua imagem tem sido construída.

Além disso, com o grande avanço médico e tecnológico, contaremos progressivamente com o desejo das pessoas velhas em ocupar espaços e participar ativamente de questões políticas e sociais. Devemos, em primeiro lugar, ao (re)pensar a ascensão da noção de “velhofobia”, que a lei natural da vida é que todos nós envelheçamos, portanto, como disse Beauvoir (1970/2018) lutar por uma velhice digna é lutar pela nossa própria condição como humano que envelhece. Encerro este artigo com as palavras da autora:

Quando compreendemos o que é a condição dos velhos, não podemos contentar-nos em reivindicar uma “política da velhice” mais generosa, uma elevação das pensões, habitações sadias, lazeres organizados. É todo o sistema que está em jogo, e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida (BEAUVOIR, 1970/2018, p. 593-594).

Referências

BEAUVOIR, Simone. [1970] **A Velhice**. (Tradução Maria Helena Franco Martins) – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL. Constituição [1988]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei no 10.741 [2003]. **O Estatuto do Idoso**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In: A Escrita da História*. São Paulo: EDUNESP, 1992. p.7-37.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

CARVALHO, José A. M; RODRÍGUEZ-WONG de Laura L. **A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, mar. 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. Orientações teóricas da pesquisa. *In: Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.* São Carlos: EdUFSCar, 2009. p. 99-121.

DARDOT Pierre; LAVAL, Cristian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOSSE, François. Uma arqueologia do acontecimento. *In: Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix.* São Paulo: EDUNESP, 2013. p. 157-162.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. "Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia". *In. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (Ditos & Escritos II). Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 85-123.

GOLDENBERG, M. **Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga.** [Entrevista concebida a Luis Barrucho] BBC News Brasil em Londres, 02 de maio 2020. [online] Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em 20 out. 2021.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adélio B. **A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia.** Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, V. 10, n. 2, p. 143-159, 2012.

PÊCHEUX, M. **O papel da memória.** *In: ACHARD, Pierre et al. O papel da memória.* Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In: GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011. p. 83- 108.

SOARES, Flávia M. P. **Envelhescência: o trabalho psíquico na velhice.** 1. ed., Curitiba: Appris, 2020.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

TEIXEIRA, Solange M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital:** implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.